

As primeiras décadas da vida de Machado de Assis pelos jornais brasileiros oitocentistas¹

Las primeras décadas de la vida de Machado de Assis por los periódicos brasileños del siglo XIX

The first decades of Machado de Assis' life by 19th century Brazilian newspapers

Valdiney Valente Lobato de Castro²

Resumo

O percurso de Machado de Assis, desde o anonimato do jovem Machadinho até a posse da presidência da principal associação dos homens de letras do país, ocorre graças aos jornais que divulgavam avidamente suas obras. Gradativamente o nome do autor foi se espalhando pelos jornais cariocas e dominou o cenário das belas letras na segunda metade do século XIX. No entanto, não é apenas na Cidade da Corte que o escritor se consolida: Machado de Assis era uma referência nacional no mundo oitocentista. Diante disso, a proposta deste estudo é analisar como desde o início de suas primeiras publicações nos periódicos até a década de 1870 a vida de Machado de Assis passa a circular não apenas nos jornais cariocas, mas também nas folhas públicas de outras províncias. Para tanto, foram investigados jornais de diferentes estados no período de 1850 até 1879, a fim de perceber dados biográficos a respeito do autor.

Palavras-Chave: Machado de Assis; jornais; século XIX; literatura; circulação.

Resumen

El viaje de Machado de Assis, desde el anonimato del joven Machadinho hasta la toma de posesión de la presidencia de la principal asociación de hombres de letras del país, se da gracias a los periódicos que divulgaron ávidamente sus obras. Poco a poco, el nombre del autor se fue difundiendo por los periódicos de Río de Janeiro y dominó el escenario de las bellas letras en la segunda mitad del siglo XIX. Sin embargo, no es solo en la Ciudad de la Corte donde el escritor se consolida: Machado de Assis fue un referente nacional en el siglo XIX. Por tanto, el propósito de este estudio es analizar cómo desde el inicio de sus primeras publicaciones en revistas hasta la década de 1870, la vida de Machado de Assis comenzó a circular no solo en los diarios cariocas, sino también en las páginas públicas de otras provincias. Para ello, se investigaron periódicos de diferentes estados desde 1850 hasta 1879, con el fin de percibir datos biográficos sobre el autor.

Palabras claves: Machado de Assis; periódicos; siglo XIX; literatura; circulación.

Abstract

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

² Doutor em Letras; Bolsista do Programa Pesquisa Produtividade da Estácio Amapá; Macapá, Amapá, Brasil; valdineyvalente@hotmail.com.

Machado de Assis's journey, from the anonymity of the young Machadinho to the inauguration of the presidency of the main association of men of letters in the country, occurs thanks to the newspapers that avidly divulged his works. Gradually the author's name was spreading across Rio de Janeiro newspapers and dominated the scene of beautiful letters in the second half of the 19th century. However, it is not only in the City of the Court that the writer consolidates himself: Machado de Assis was a national reference in the 19th century. Therefore, the purpose of this study is to analyze how from the beginning of his first publications in periodicals until the 1870s, Machado de Assis's life started to circulate not only in Rio de Janeiro newspapers, but also in the public pages of other provinces. To this end, newspapers from different states were investigated from 1850 to 1879, in order to perceive biographical data about the author.

Keywords: Machado de Assis; newspapers; XIX century; literature; circulation.

1. Introdução

Desde que as folhas avulsas começaram a percorrer as ruas da agitada cidade da Corte, em 1808, os assuntos publicados passaram a interessar expressivamente à sociedade carioca, por mais que os primeiros jornais saídos à luz fossem administrados pela coroa portuguesa. Esse interesse explica-se pela variedade das notícias que iam de fatos ocorridos em outros países até informações próprias do reino, como datas de entradas e saídas de navios e divulgação de vendas de mercadorias.

Desse modo, um dos maiores benefícios que o suporte trouxe à população foi a homogeneização das notícias. Os brasileiros começaram a ter acesso a acontecimentos de outras realidades sociais muito diferentes da condição de colônia do Brasil, o que seguramente lhes permitia não apenas ampliar sua compreensão de mundo, como também repensar a sua própria realidade.

Por outro lado, a variedade de notícias, presente desde os primeiros jornais também encantava os leitores. Ao acompanhar diacronicamente a evolução dos impressos, percebe-se como paulatinamente vão surgindo jornais de diferentes áreas, o que denota o aumento no número de leitores e a busca pela leitura especializada.

Se havia um público leitor experiente, desde a primeira metade do século XIX, instruído graças aos impressos saídos no Brasil, aos livros vindos de Portugal e de outros países e à formação humanística em escolas como o Colégio Pedro II, fundado em 1837, a partir da década de 1850, os leitores ficaram ainda mais exigentes. Os impressos multiplicaram-se e os leitores passaram a participar ativamente das publicações por meio de sorteios, passatempos, críticas e cartas a pedido.

De igual modo, os autores publicavam não apenas poesia e prosa de ficção, mas também críticas literárias e crônicas, ou seja, opinavam sobre assuntos que saíam da esfera do campo literário e alcançavam os acontecimentos mais mezinhos do dia a dia carioca.

O que se vê é a literatura dominando o espaço nas folhas dos jornais. Mesmo nos periódicos de interesse político e econômico, há a presença de pelo menos uma poesia. O texto literário, pouco a pouco, sai de um espaço destinado a uma única poesia, alcança a coluna folhetim, um enorme sucesso, e assume até mesmo o perfil do periódico: vários jornais oitocentistas denominavam-se como de interesse literário e/ou tiveram o maior espaço, em suas páginas, destinado aos textos literários.

Nessa história de sucesso da literatura, os autores brasileiros encontravam nas páginas avulsas o meio mais rápido e barato de publicar seus escritos. Grande parte dos romances oitocentistas consagrados saiu primeiramente nas folhas públicas, encantando os leitores que, muitas vezes exaltados, acompanhavam, em frações, as emoções desenroladas nas narrativas.

No entanto, publicar seus escritos nos jornais não era tão simples, ainda mais para escritores iniciantes. Ter um pequeno soneto publicado, que ocupava pouco espaço nos jornais, era mais fácil, mas ter um romance lançado em edições sequenciadas era uma possibilidade de insucesso, caso não agradasse aos leitores, que o editor, obviamente, não pretendia correr. Por isso, era muito comum que os autores estrangeiros, já afamados, ocupassem os espaços da coluna folhetim.

Sendo assim, o autor nacional, para publicar seus romances nos jornais, precisava ter um nome consagrado ou gozar de uma excelente relação com os editores, e foi exatamente esse último caso que se deu com Machado de Assis, no início de sua carreira.

2. Os anos iniciais.

Em virtude de seu contato com o editor Paula Brito e com os demais confrades da Petalógica, o jovem Machadinho, na década de 1850, vê seus primeiros textos desfilarem nos jornais cariocas. Como bem destaca Jean-Michel Massa (1971), em 1855, ano em que há o primeiro registro dos versos de Machado saídos nas folhas diárias, o Rio de Janeiro estava se modernizando: o centro já contava com iluminação a gás, circulavam duas dezenas de

periódicos e os contatos com a Europa já se estreitavam com linhas regulares de saídas de navios. O jovem escritor, que apanhava todos os dias a barca de São Cristóvão do Engenho Novo ao centro do Rio de Janeiro, ia-se imiscuindo em meio a essas mudanças. Lúcia Miguel Pereira (1949) assinala o quanto Machado caminhava pelas ruas da cidade, e não é difícil relacionar esse processo de modernização do centro urbano com o despertar da carreira do escritor.

Sobre esse momento, é unânime entre os biógrafos o quanto Machado ia, aos poucos, construindo laços com homens importantes do mundo das letras. Francisco Gonçalves Braga, Manuel Antônio de Almeida – à época diretor da Imprensa Nacional –, Pedro Luís, Francisco Otaviano, Emílio Zaluar e Eleutério de Sousa são alguns dos nomes responsáveis pela inserção do autor em jornais como *Paraíba*, *Correio Mercantil*, *O Brasil Pitoresco* e *O Espelho*, além da *Marmota*, de Paula Brito, periódicos por onde saíram os primeiros escritos de Machado.

Além da entrada nas folhas diárias, as relações de amizade levaram Machado, ainda nessa década, a participar de algumas sociedades literárias, como a Petalógica, o Clube Literário Fluminense e a Sociedade Filomática; desta última, segundo Lúcia Miguel Pereira (1949), é provável que ele pouco tenha participado.

Nessa primeira década de publicação, Machado lança nos jornais mais de cinquenta poesias, críticas teatrais, prosas de ficção, críticas literárias e ensaios diversos. Soma-se ainda a isso o trabalho como tipógrafo e como revisor de textos. Nesse período, já se percebe um homem que, ainda sem se sustentar adequadamente das letras, dedica-se a ela com persistência e, acima de tudo, prudência na relação com os seus pares. Aos 20 anos, em 1859, Machado está completamente imerso no mundo da imprensa: além de colaborar em diversos jornais, no *Espelho* é segundo Raimundo Magalhães Júnior (1981), “o faz-tudo ou tudo-faz da redação” (p.124). Vale acrescentar que, no início daquele ano, precisamente nos dias 10 e 12 de janeiro, o autor publicou no *Correio Mercantil* a crônica “O jornal e o livro”, em que enaltece o suporte e o relaciona à democratização da leitura. Nada mais coerente: o reconhecimento do veículo por onde circulavam suas ideias e lhe tornavam popular pelas ruas do Rio de Janeiro.

Essa dedicação logo lhe rende frutos. A primeira década de contribuição nos jornais serviu para dilatar ainda mais o nome do autor entre os homens das belas-lettras e torná-lo conhecido pelos leitores. A década seguinte, 1860, é precisamente um novo momento para o

escritor. É a década de maior mudança para Machado. Em todos os campos: economicamente, profissionalmente e pessoalmente. Ao se comparar o final das duas décadas, 1859 e 1869, é nítida a ascensão do autor e do homem: o colaborador sem recursos que trabalhava como revisor de textos para se manter transforma-se em um escritor de prestígio, casado, com livro publicado e começando a galgar uma reputação nacional.

No início de 1860, o autor foi contratado pelo *Diário do Rio de Janeiro*, graças ao convite de Quintino Bocaiúva, e, anos mais tarde, Machado recordava: “Nesse ano entrara eu para a imprensa”.³ Segundo Pujol (1934), a tarefa do escritor, nesse periódico, ia para além de mero redator; Machado cuidava de todo o noticiário, do editorial e até mesmo do arranjo dos anúncios. Aos poucos, assumiu as crônicas diárias e passou a opinar sobre assuntos diversos do cotidiano do Rio.

O menino que atravessava a balsa para embebedar-se das conversas literárias nas rodas de escritores e editores não existe mais. Machado é, nesse momento, um homem seguro das questões políticas de seu tempo. Em 18 de abril de 1862, por exemplo, ele escreve no *Jornal do Povo* uma carta aberta⁴ ao Bispo do Rio de Janeiro opondo-se às práticas religiosas da sexta-feira da paixão, em que afirma: “é grande o descrédito da religião, porque é grande o descrédito do clero” (ASSIS, 2008, p.12).

Apesar de parecer que essas ideias poderiam torná-lo um homem da oposição, Machado sabiamente se esquivou de se opor ao sistema. Ao contrário, foi várias vezes ao paço imperial⁵ e participou de diversos eventos em que a família real comparecia, tendo sua presença sempre citada nos jornais. A admiração pela monarquia aliada às boas relações do autor resultou na sua condecoração por Dom Pedro II a cavaleiro da Ordem da Rosa, em 1867. Nesse mesmo ano⁶,

³ Extraído do início do segundo parágrafo da crônica “O Velho Senado”, publicada originalmente na *Revista Brasileira*, em 1898.

⁴ A carta aberta não foi assinada pelo autor. Foi Galante de Sousa (1955) quem atribuiu sua autoria a Machado de Assis.

⁵ Há registros da assinatura de Machado no Paço, mas, na “Carta Fluminense”, publicada em 5 de março de 1865, no *Jornal das Famílias*, o autor afirma: “Não frequento o Paço, mas gosto do imperador. Tem as duas qualidades essenciais ao chefe de uma nação: é esclarecido e honesto. Ama o seu país e acha que ele merece todos os sacrifícios”. Essa carta saiu às vésperas da votação para a escolha dos novos deputados.

⁶ Os biógrafos discutem essa data: Massa (1971) afirma que essa nomeação a cavaleiro ocorreu em 16 de março de 1867 e a escolha para o *Diário Oficial* em 8 de abril de 1867. Já Lúcia Miguel Pereira (1949) afirma que a

Machado foi designado para diretor-assistente do *Diário Oficial*. Segundo Massa (1971), Machado, nesse novo desafio, provavelmente “balanceava as diferentes seções, revia os textos oficiais, escolhia os artigos na imprensa nacional e na estrangeira que deveriam ser transcritos. [...] mantinha o equilíbrio das diferentes seções do jornal ou, mais exatamente, completava as colunas quando a matéria oficial era escassa” (p. 480).

É a partir dessa década que a vida de Machado de Assis, já conhecido na cidade da Corte, deixa de interessar apenas aos leitores cariocas e começa a percorrer as páginas dos jornais de outras províncias. O *Diário do Rio de Janeiro*, em 17 de março de 1867, publicou a nomeação do autor à cavaleiro e, em 5 de abril do mesmo ano, o decreto foi divulgado na folha *O Publicador*, na Paraíba:

Por decreto de 16 do passado tiveram mercê: [...] Foram agraciadas com as seguintes condecorações as pessoas abaixo indicadas, pelos relevantes serviços que prestaram as letras, a saber:
Manuel de Araújo Porto Alegre, com a comenda da Ordem da Rosa.
O Conselheiro José Martiniano de Alencar e o Dr. Aureliano Candido Tavares Bastos, com o oficialato da mesma ordem.
Joaquim Maria Machado de Assis, cavaleiro da mesma ordem. (*O Publicador*, Paraíba, 5 de abr. 1867, p. 1)

A divulgação do nome de Machado, sem ser por assinatura de alguma publicação, nos jornais das demais províncias, começa exatamente assim: em questões oficiais ou fazendo parte de um grupo de homens ilustres. Não há nesses primeiros anos um conhecimento mais específico sobre o homem Machado de Assis no restante do país, ao contrário da cidade da Corte em que já gozava de prestígio e reconhecimento.

Em 23 de maio de 1868, o *Jornal do Recife*, copiando a informação da *Gazeta de Notícias* (RJ), divulga uma nota da visita das majestades imperiais e altezas, no dia 11 de maio, ao hospital militar da Corte e ao observatório astronômico. Além disso, a matéria informa que nos dias 3 a 10 tiveram a honra de cumprimentar as majestades senadores, deputados, coronéis, barões, condes, viscondes, tenentes-coronéis, comandantes, capelães e, entre alguns civis, J. M. Machado de Assis.

designação a cavaleiro ocorreu apenas no ano seguinte, 1868. Raimundo Magalhães Júnior (1981) concorda com o biógrafo francês e afirma que a primeira nomeação abriu as portas da segunda. Anos mais tarde, em 18 de abril de 1888, Machado de Assis foi elevado a Oficial da Ordem da Rosa.

Nesses anos, o nome de Machado divulgado em periódicos das demais províncias do país, sem se tratar da relação com o texto literário, geralmente se refere a alguma participação do autor em eventos sociais importantes. Aos poucos, as relações de amizade do jovem escritor passam a estreitar-se. Ao mesmo tempo em que Machado torna-se mais conhecido, algumas amizades solidificam-se.

Entre elas, merece destaque a relação com Luís Guimarães Júnior, que por anos enviava correspondências recheadas de afetos ao autor. Expressões como: “meu amigo”, “meu irmão” e “todo teu” são recorrentes nas missivas recebidas do amigo advogado que, apesar de viajar bastante em virtude da carreira diplomática, sempre manteve os laços com o escritor.

Outra figura com quem a amizade se intensifica é Faustino Xavier de Novaes. Mesmo antes de tornar-se cunhado do autor, ainda como diretor de *O Futuro*, Faustino dirigia-se carinhosamente ao amigo como “Machadinho”. Nessa mesma década, vale mencionar as cartas a Ramos Paz. Em maio, Machado revela urgência em falar com o português, provavelmente, como se referem os biógrafos, com o intuito de pedir dinheiro para o casamento que se avizinhava. Em 19 de novembro, logo após o casamento, diz ao dileto amigo que, em vez de rosas, o período anterior ao casamento foi de espinhos e que está com dificuldade financeira: “agora mesmo, estou trabalhando para as necessidades do dia, visto que só do começo do mês em diante poderei regularizar a minha vida” (ASSIS, 2008, p. 296).

As alianças de Machado juntamente com seu ofício de cronista lhe renderam a nomeação como censor do Conservatório Dramático, onde atuou entre março de 1862 e março de 1864, escrevendo dezesseis pareceres. Muito antes, em dezembro de 1859, Machado publicou a terceira parte do seu artigo “Ideias sobre o teatro”, em que tratava especificamente do conservatório no jornal *O Espelho*, de Francisco Eleutério de Sousa. Como essa folha foi suspensa, somente em março de 1860, Machado publicaria o artigo completo n’*A Marmota*, de Paula Brito.

Em maio de 1864, a instituição de crítica teatral foi dissolvida e noticiada por meio de nota saída no *Diário do Rio de Janeiro* em 15 de maio daquele ano. Somente em 4 de janeiro de 1871, o decreto 4.666 reativaria o Conservatório. Como se trata de um documento do Ministério do Império, a notícia foi republicada para além da cidade da Corte. Em 2 de fevereiro de 1871, a deliberação foi publicada no jornal *O Cearense*:

Ministério do Império

Por decreto de 4 do passado foram nomeados para o novo conservatório dramático criado pelo decreto 4.666 da mesma data:

Conselheiro João Cardoso de Menezes e Souza, presidente

Antonio José Victoriano de Barros, secretário

Conselheiro Antonio Felix Martins

Dr. Joaquim Manoel de Macedo

Joaquim Maria Machado de Assis (*O Cearense*, Ceará, 2 fev. 1871, p. 2)

Composto por quase todos os membros egressos do antigo conservatório, a instituição permaneceria até 1887, quando foi definitivamente extinta. A década de 1870, quando a matéria estampou os jornais, foi para o autor muito mais tranquila: já casado, publica seus quatro primeiros romances, começa, em 1873, seu trabalho na Secretaria de Agricultura e mantém-se, até 1878, como principal colaborador do editor francês Baptiste Louis Garnier⁷ no luxuoso *Jornal das Famílias*, além de escrever para outras folhas. É um período de estabilidade para o escritor. Lúcia Miguel Pereira (1949) acentua que, três anos após começar no emprego público, foi promovida a chefe de seção por um decreto da Princesa Isabel e passou a ganhar quase o equivalente aos desembargadores.

Nas correspondências do autor, é possível perceber que algumas amizades mais antigas ainda se conservam. Salvador de Mendonça, amigo desde a época de Paula Brito, escreve sempre cartas carinhosas. Artur Napoleão, que acompanhou Carolina na sua vinda ao Brasil, convida Machado e a esposa para jantarem com a família dele e Artur Oliveira chama o casal para juntos irem ao teatro. A família Machado de Assis estava perfeitamente encaixada na sociedade carioca. Nessa década, já superadas as inimizades em decorrência do casamento de Carolina, Miguel de Novais, que se tornaria um dos grandes amigos e confidentes dos segredos editoriais de Machado, troca muitas cartas com o cunhado, todas em tom amabilíssimo.

Entre as amizades célebres está a de José de Alencar, segundo a equipe de Rouanet⁸, “foi o mais respeitado interlocutor de Machado, quer estivessem na Garnier, quer andassem

⁷ O francês Baptiste Louis Garnier, líder durante três décadas do comércio de livros no Brasil, iniciou nos periódicos com a *Revista Popular*, em 1859, uma publicação quinzenal ilustrada, impressa por Pinheiro & Cia e, em janeiro de 1863, a revista deu lugar ao pomposo *Jornal das Famílias*, que fez enorme sucesso e deslumbrou as leitoras brasileiras até 1878.

⁸ Sérgio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério organizaram os cinco volumes de cartas de Machado de Assis: o tomo I saído em 2008 reúne as missivas de 1860 a 1870; o II de 2009, as de 1870 a 1889; o III de 2011, as de 1890 a 1900; o IV de 2012 as de 1901 a 1904; e o V de 2015, as de 1905 a 1908.

juntos no Passeio Público. [...] foi objeto de uma admiração incondicional por parte de Machado” (ASSIS, 2008, p. 314).

Quando o romancista cearense morreu, a triste notícia percorreu não apenas os jornais da capital brasileira, como os de outras províncias. O *Correio da Bahia*, em 20 de dezembro de 1877, dá ampla divulgação ao acontecimento ocorrido há apenas oito dias⁹, em matéria copiada do *Jornal do Comércio* (RJ). Na notícia, Machado é citado entre os escritores presentes e destaca-se a conversa entre eles no cemitério São Francisco Xavier sobre a necessidade urgente de se constituir a Associação dos Homens de Letras. Em 16 de janeiro de 1878, *A Constituição*, em Belém do Pará, quase um mês após a morte do autor de *Iracema*, além de informar o trágico falecimento, acrescenta que os colaboradores da imprensa carioca, segundo a *Gazeta* (RJ) lembraram-se, de oferecer uma coroa de flores ao finado. Na sequência, lista os nomes dos cavalheiros presentes e, novamente, está o nome de Machado.

É evidente que nem todas as províncias, na década de 1870, tinham conhecimento a respeito de aspectos da vida de Machado de Assis ou até mesmo da grandiosidade de sua já vasta produção literária. Apesar disso, as que mantinham maiores comunicações, provavelmente por meio dos jornais, com a cidade da Corte sabiam da importância do escritor para as letras nacionais.

Em 21 de outubro de 1879, o *Jornal do Recife* divulga uma lista de sócios beneméritos, honorários e correspondentes do Gabinete Português de Leitura em Pernambuco. Machado consta entre os correspondentes, ao lado de nomes como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves de Magalhães, Faustino Xavier de Novais, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Guiomar Torrezão, Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Émile Zola, Alexandre Dumas Filho e Victor Hugo.

Muitos desses autores já estavam mortos na data dessa notícia e outros, internacionais, não eram consultados nem sobre seus textos que saíam frequentemente nas folhas brasileiras, ou seja, provavelmente não souberam da nomeação à instituição. No entanto, a despeito do contato ou não dos sócios correspondentes com a associação, Machado de Assis, com 40 anos

⁹ José de Alencar morreu em 12 de dezembro de 1877, vítima de tuberculose.

completos, é uma referência nacional, figurando junto a homens de letras consagrados de outros países.

Não é errado supor que o autor tivesse conhecimento dessas notícias, principalmente ao se considerar que essa folha pernambucana não apenas circulava por diversas províncias, como também Recife era uma das principais cidades do país. Em 29 de outubro de 1866, por exemplo, em carta a Quintino Bocaiúva, Machado afirma que soube pelas folhas do Pará que o amigo havia feito boa viagem, o que revela a intensidade da circulação dos impressos entre as províncias brasileiras. Os navios a vapor e as estradas de ferro garantiam que as folhas avulsas percorressem as províncias, consolidando, pouco a pouco, o nome do escritor por todo o território nacional. Nas três primeiras décadas de sua produção literária, informações sobre sua vida começavam, paulatinamente, a figurar nos jornais publicados para além do eixo Rio-São Paulo. Nas décadas seguintes, o autor, finalmente, passa a ganhar projeção nacional: os leitores de todo o Brasil já se interessavam pelo homem Machado de Assis.

A movimentação dos impressos promoveu a dilatação do nome de Machado por todos os estados do país. As notícias das folhas com grande circulação, como o *Jornal do Comércio* e a *Gazeta de Notícias*, reproduziam-se amplamente e, aos poucos, atingia repercussão nacional e internacional. Grande parte dos jornais destinava uma seção para as notícias colhidas em outras folhas e essa movimentação, ao contrário do que comumente se supõe, era muito ágil e, por isso, não era raro que as notícias mais urgentes se propagassem rapidamente, principalmente por meio dos telégrafos. Machado de Assis sabia muito bem o poder de democratização das folhas públicas e, se no início da década de 1860, seu nome só era divulgado nos jornais brasileiros quando se fazia presente em ocasiões de eventos formais, nos anos finais de sua vida era exatamente a sua presença que se tornava notícia nas páginas avulsas, veículos que acompanham o Machadinho, aprendiz de tipógrafo, transformar-se no presidente da mais prestigiosa associação de letras do país.

Referências

A CONSTITUIÇÃO, Belém (PA): 1874-1886.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo I – 1860-1869. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

CORREIO DA BAHIA, Bahia (BA): 1871-1878.

CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro (RJ): 1848- 1868.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro (RJ): 1821-1858.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro (RJ): 1875-1956.

JORNAL DAS FAMÍLIAS, Rio de Janeiro (RJ): 1863-1878.

JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro (RJ): 1824-2016.

JORNAL DO RECIFE, Recife (PE): 1858-1938.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e Obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981, 4 vols.

MASSA, Jean Michel. *A juventude de Machado de Assis (1839-1870)*. Ensaio de Biografia Intelectual. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

O CEARENSE, Ceará (CE): 1846-1891.

O PUBLICADOR, Paraíba (PB): 1864-1869.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis* (Estudo crítico e biográfico). 4 ed. São Paulo: José Olímpio, 1949.

PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis*. 2ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1955.

VIANA FILHO, Luiz. *A vida de Machado de Assis*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965